

EDITORIAL

Em função da sífilis ainda ser um importante problema de saúde pública no Brasil, consideramos pertinente mostrar alguns dados em relação à doença.

Uma mancha negra cobre o Brasil há décadas. Todos devem ajudar na limpeza. Você já pediu um teste para Sífilis hoje? Este é o slogan do “Dia Nacional de Luta contra a Sífilis” que é no 3º sábado de outubro. Por que uma doença de fácil diagnóstico e tratamento como a sífilis ainda é um problema de saúde pública no Brasil? Estudos mostram que apenas 5,7% dos profissionais de saúde dominam a fisiopatologia da sífilis e somente 21,1% demonstram domínio básico sobre a interpretação dos exames. Segundo o Estudo Sentinela Parturiente de 2004, a prevalência de sífilis em gestantes é de 1,6%, cerca de quatro vezes maior que a infecção pelo HIV. Entre 2005 e junho de 2011, foram notificados no Sistema Nacional de Notificação (Sinan) 41.258 casos de sífilis em gestantes e 62.881 casos de sífilis congênita em menores de um ano de idade. Ou seja, ainda temos no Brasil mais sífilis congênita do que gestantes diagnosticadas com sífilis. Quando avaliamos os casos de sífilis congênita, descobrimos que 75,5% das gestantes realizaram pré-natal e que 55,4% delas tiveram diagnóstico no pré-natal, mas apenas 53,7% dos parceiros foram tratados. Na ausência de tratamento, 1/3 dos recém-nascidos terá sífilis congênita, sendo que 50% dos casos notificados são assintomáticos ao nascer e outro 1/3 morrerá intraútero. Esses dados mostram que, mesmo a gestante realizando pré-natal e o exame de sífilis, não está protegida de transmitir esta doença ao seu recém-nascido. Precisamos qualificar nossos profissionais de saúde, para que saibam como agir frente a um resultado positivo para sífilis e convencê-los da importância de tratar a gestante e o seu parceiro.

Prof^a.Dr^a. Carla Vitola Gonçalves.
Membro do Corpo Editorial da
Revista de Ciências da Saúde
Universidade Federal do Rio Grande – FURG